

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA

Stefan Azevedo Vargas

AS CULTURAS JUVENIS E A EVASÃO ESCOLAR

Porto Alegre
Novembro de 2015

Stefan Azevedo Vargas

AS CULTURAS JUVENIS E A EVASÃO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão apresentado à comissão de graduação do Curso de Ciências Sociais – Licenciatura, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Leandro Raizer

Porto Alegre
Novembro de 2015

RESUMO

O presente texto aborda questões relacionadas ao ambiente escolar tais como planejamento curricular, culturas juvenis, relação entre trabalho e escola e evasão escolar, tendo por objetivo debater e problematizar seus contextos atuais e seus reflexos na vida acadêmica, bem como pensar e buscar a construção de práticas que possam vir a contribuir com aqueles que são usuários do sistema público de ensino. Afinal, são milhares de jovens e crianças no país inteiro que dependem das instituições de ensino, das mais variadas formas possíveis, e a sociedade vai depender certamente desses jovens no futuro. Então, pensar em escolas, creches e universidades públicas de qualidade e com acesso para a população é uma obrigação de quem quer ser um profissional na área de educação.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
2	AS CULTURAS JUVENIS E A EVASÃO ESCOLAR	7
2.1	SOBRE A EXPERIÊNCIA DOCENTE	8
2.2	O PROJETO PLAY LIST	14
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

1 INTRODUÇÃO

A busca pela escola começou antes mesmo das aulas, eu considerava muito minha vontade de trabalhar em alguma escola das comunidades indígenas ou quilombolas, porém, infelizmente a minha carga horária de trabalho, de dez horas diárias impossibilitou alimentar esse pensamento. Como moro perto da escola na qual concluí o Ensino Médio, decidi que seria agradável voltar ao local e que também seria interessante fazer o estágio numa escola que eu já conhecia, mesmo que pouco. Estive no Colégio Estadual Padre Rambo em observação desde o dia 19 de março de 2015. Ali, consegui observar a realidade da escola pública, a nada fácil realidade dos estudantes do noturno, sobrecarregados de trabalho.

Meu primeiro contato foi com a Professora Carol, responsável por Sociologia, Filosofia e História, porém, com formação apenas em História. Ela logo se prontificou em me ajudar no estágio e achou muito bom, já que eu trabalharia Sociologia e, como ela é formada em História, encontrava algumas dificuldades para trabalhar os conteúdos. No decorrer do processo, por motivos pessoais, a professora pediu exoneração do turno da noite. Passaram-se algumas semanas e veio um outro professor para as disciplinas de História, Sociologia e Filosofia, mas este, também, com formação apenas em História. O professor Diego, também foi muito receptivo e prestativo, continuou o auxílio, junto com a escola, nesse período de experiência. O acolhimento dos professores e demais funcionários da escola Padre Rambo contribuiu muito para a realização do estágio, estavam sempre prontos a ajudar e contribuir no que fosse preciso para a preparação das aulas.

Nas cadeiras finais da Licenciatura, na disciplina de Educação Contemporânea: Currículo, didática e planejamento, tive contato com algumas definições de culturas juvenis e passei a pensar, desde então, que questões rotineiras, da juventude, inseridas no planejamento das aulas, a fim de serem pensadas e problematizadas, poderiam contribuir para uma melhor relação dos estudantes com o espaço escolar, já que questões que possivelmente seriam do interesse do grupo estariam protagonizando a cena na sala de aula. Contudo, nesse tempo que fiquei na escola Padre Rambo, o gigantesco índice de infrequência nas turmas com que trabalhei me chamou muito a atenção e percebi que o planejamento não precisava só resgatar a atenção do aluno na sala de aula, mas precisava,

urgente, resgatar o aluno para a escola, ou, ainda, fazer um resgate da escola para o aluno.

Na minha observação, percebi que os temas que se aproximam da realidade dos estudantes são os de maior interesse da turma. Questões do dia a dia, notícias da semana são mais fáceis de trabalhar. Eu entendo que o ensino deve falar a língua de seu tempo, e isso não quer dizer que devemos excluir o passado da sala de aula, mas quer dizer que devemos praticar um ensino que, sempre que possível, exemplifique questões com a atualidade. Por exemplo, com o ensino dos clássicos da Sociologia, podemos usar o exemplo das relações sociais atuais e, assim, aproximar mais a teoria das questões diárias de professores e estudantes.

Nesse contexto, abordei o ensino dos clássicos e, posteriormente, abordei desigualdades sociais, diferenças salariais, desenvolvimento humano e encerrei com o ensino sobre comunidades indígenas e quilombolas, com foco no estado do Rio Grande do Sul, principalmente na cidade de Porto Alegre.

O critério escolhido para trabalhar esses temas foi o de seguir um planejamento já feito na escola e combinado com a professora responsável pela turma. Nesse planejamento, precisava apresentar a turma de primeiro ano para as Ciências Sociais, abordando o que é Ciências Sociais, Sociologia, Ciência Política e Antropologia. Mostrar os pensadores clássicos da Sociologia. Em seguida, entramos em alguns mecanismos para entender como funciona a sociedade, questões de desenvolvimento humano, contradições sociais, países que estão entre os dez mais ricos do mundo em termos de PIB, mas que têm baixo IDH, e, para fechar, abordamos algumas relações sociais, como as dos índios e quilombolas, que na minha visão, são marginalizados na sociedade, esquecidos culturalmente, mesmo com a importância que sua cultura ofereceu para a formação social do País. A minha escolha por trabalhar esse tema também é pessoal, foi o tema com o qual mais me identifiquei na graduação e senti que podia contribuir para a turma com essa questão, principalmente, de diminuir a distância que temos entre as culturas, até porque muitos da escola são de uma localidade da cidade com presença muito forte de índios, que é a Lomba do Pinheiro.

As atividades realizadas em sala de aula contribuíram para amenizar o choque cultural com a atividade escolar. Entender a realidade do sistema escolar brasileiro na teoria e na prática, os problemas de políticas públicas no ensino público, desvalorização do profissional em educação e pensar a educação como um

serviço que depende da força de trabalho de alguém e não de um sentimento de paixão.

É importante observar os aspectos culturais, a relação professor/aluno, quais etnias ficam esquecidas no planejamento, o planejamento deixa de abordar questões da juventude, os professores lecionam de acordo com a sua área de formação, as leis são cumpridas pela instituição, seja a escola, seja o órgão mantenedor. São todas questões relevantes. Por exemplo, por que a Sociologia é lecionada por professores de outras áreas, se há uma Lei que proíbe que profissionais que não sejam formados na área lecionem essa disciplina. Esta pergunta fica em aberto, assim como a questão da educação inclusiva, pois as escolas deveriam ter salas de recursos e profissionais especializados e muitas não têm. São muitos os exemplos pelos quais podemos concluir a falta de atenção dos governos para com o ensino público.

2 AS CULTURAS JUVENIS E A EVASÃO ESCOLAR

Os jovens formam um ambiente cultural bastante diverso, são consumidores dos mais variados bens culturais e criadores de novas expressões, relações e valores no âmbito da cultura.

Redes sociais, novas formas de fazer mídia, arte, música, etc. São muitos os meios pelos quais a cultura juvenil vai se expressar, parece que buscando sempre o novo no horizonte. Novas criações. Acesso a novas ferramentas e modelos. Estabelecem muitas vezes, relações de oposição com formas já instituídas, ainda mais quando essas formas não abarcam a atual realidade juvenil. Nessa conjuntura, de instituição que não se encaixa mais, na atualidade dos estudantes, vamos encontrar o fenômeno da evasão escolar, ou seja, o abandono da escola durante o ano letivo.

No Brasil, a evasão escolar é um problema do sistema educacional. Dados do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira) dão conta que de 100 alunos que ingressam na escola na 1ª série, 5 não concluíram o Ensino Fundamental, ou seja, 95 terminam a 8ª série (IBGE, 2007).

Em 2007, 4,8% dos alunos matriculados no Ensino Fundamental (1ª a 8ª séries/1º ao 9º ano) abandonaram a escola. Embora o índice pareça pequeno, corresponde a quase um milhão e meio de alunos. Mas, talvez por esse índice parecer pequeno é que não sejam feitas medidas que qualifiquem o ensino e criem condições de permanência na escola para esses mais de um milhão de estudantes. No mesmo ano, em 2007, cerca de um milhão de estudantes do Ensino Médio também abandonaram os estudos. Alguns voltam ao ambiente escolar, mas com uma grande defasagem na relação idade/série, dificuldade que pode vir a ser motivo de uma nova evasão.

A relação com o trabalho, ou seja, a necessidade de trabalhar é um dos motivos mais comuns citados pelos estudantes dos anos finais dos ensinos Fundamental e Médio para o abandono escolar. Embora o Ensino Fundamental seja obrigatório para crianças e adolescentes de até 14 anos, vimos, nos dados acima, que cerca de um milhão e meio de estudantes nessa modalidade acabam por não conseguir a sua conclusão, mesmo amparados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB9394/96) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Cabendo à instituição escolar buscar auxílio em outras organizações, como Conselho Tutelar, para garantir aos estudantes essa etapa do ensino, mas as coisas não funcionam como deveriam e, seja por falta de escola, pela distância, falta de recursos ou mesmo desinteresse pelo conteúdo, os alunos já são excluídos do ensino logo nos primeiros anos do processo de aprendizagem. Pressões que no Ensino Médio, e até mesmo já nos anos finais do Ensino Fundamental, que, somadas à necessidade de trabalhar, vão consolidar a manutenção do processo de evasão entre os estudantes.

A experiência na Escola Estadual Padre Rambo, infelizmente, não foge à regra: no ano de 2014, foram 732 alunos matriculados nos três anos do Ensino Médio, dos quais, 212 abandonaram o período letivo, ou seja, pelas mais diversas razões, não concluíram o ano nas turmas em que estavam matriculados. Nesse mesmo ano, praticamente metade dos estudantes matriculados não conseguiu concluir o período letivo e ser aprovada, o índice de aprovação foi de 56,2%, sendo que, somados, a reprovação e a evasão tiveram índice de 43,8%. Nas turmas noturnas do primeiro ano, a situação é bem preocupante, a infrequência é gigantesca. Após 10 semanas de aula, em uma turma de 50 alunos, 34 deles nunca foram sequer a uma aula e, em outra turma de 60 estudantes, no mesmo período, 41 deles não tiveram nenhuma presença no período de Sociologia.

2.1 SOBRE A EXPERIÊNCIA DOCENTE

As disciplinas de Estágio 1 e Estágio 2 na Licenciatura em Ciências Sociais são situações únicas no Curso. Somente nessa fase da graduação é que teremos contato com a sala de aula, por meio dos trabalhos de observação e prática docente. Sempre acreditei que atividades de vivência e saídas de campo nos colocam grandes situações de aprendizagem, então, vi, nas disciplinas de estágio, a oportunidade de ter um trabalho de quase um ano junto à mesma comunidade escolar.

O meu estágio se desenvolveu na escola estadual Padre Rambo, escolhi a escola por ter sido o local no qual conclui o Ensino Médio, pensei que seria válido já ter alguma relação e algum conhecimento da instituição em que realizaria o estágio.

Desenvolvi as tarefas da disciplina de Estágio 1 em duas turmas do primeiro ano, no turno da noite. Quase no término da fase de observação, a professora da disciplina de Sociologia, que também era responsável na escola pelas disciplinas de História e Filosofia em todo o turno da noite, nas duas turmas de primeiro ano, uma de segundo ano e uma de terceiro ano, me comunicou que estava se exonerando, assim que comecei as atividades práticas nas turmas, e um outro professor, também formado em História, assumiu as turmas que estavam sem professor. No primeiro planejamento que fiz, tive alguma dificuldade em me fazer entender, notava que não conseguia chamar a atenção dos estudantes para o conteúdo e só tinha algum êxito quando conseguia fazer um gancho com situações que fossem mais próximas da realidade.

Já na parte final das práticas, estava mais à vontade e confiante, senti que as aulas eram mais satisfatórias para mim e para a turma, e essa situação me fez pensar em como o planejamento das aulas deveria englobar mais a realidade da sociedade, principalmente dos estudantes, em como fazer para que participassem mais e tivéssemos momentos mais produtivos, já que eu e eles estávamos ali em jornada dupla, ou até mesmo tripla. Os estudantes do primeiro ano noturno, apesar de bem jovens em sua maioria, já trabalhavam, algumas meninas já eram mães, então sentia que as aulas precisavam vencer esse cansaço, o planejamento é que deveria despertar na turma o interesse.

O professor que assumiu a disciplina de Sociologia se mostrou muito receptivo em me auxiliar nas atividades do estágio, assim como a professora anterior que acabou deixando a escola. Iniciei meu período de observações no Estágio 2 em um momento conturbado para a escola e para o Estado do Rio Grande do Sul, o governo em questão parcelou os salários dos servidores estaduais, incluindo os professores, e isso gerou uma grande crise e protestos no estado. Passado esse tempo, comecei minhas atividades práticas no Estágio 2, com um planejamento que eu pensava ser mais interessante para os estudantes, mas havia um grande problema, à medida que o ano letivo se aproxima do fim, a evasão escolar se coloca nua e crua. Eu pensava em evasão escolar como um problema grave, mas para mim, esse problema seria de turmas com vinte e cinco estudantes, nas quais cinco

ou seis acabavam por não conseguir concluir os estudos, pelos mais diversos motivos, quase sempre relacionados à falta de políticas de permanência para os estudantes. Essa quantidade já seria um grave problema, pois são estudantes que não estão conseguindo manter-se nos estudos, mas parece que números assim não chocam tanto, as amostras, quando são pequenas, parecem não ter tanto impacto, mesmo quando as amostras em questão são também pessoas. Quando fazemos a análise dos números, parecemos muitas vezes ignorar que pequenas porcentagens, de números muito grandes, ainda são uma grande quantidade. Porém o meu choque de realidade foi muito maior, pois nas turmas com 50 a 60 alunos, no primeiro semestre, eram presentes nas aulas apenas uns 20 por turma, já no segundo semestre, esse índice caiu pela metade. Conversando com professores mais experientes, ouvi que nos turnos da noite essas situações são muito comuns, mesmo não sendo a modalidade EJA, os estudantes acabam por desistir da escola e não é nada raro concluir o ano com apenas 10% da turma que começou ou até mesmo com a extinção de turmas, que por terem o número de frequentadores tão reduzidos, são anexadas a outras.

A partir de então, a questão das culturas juvenis e a evasão escolar no ensino médio começou a me preocupar. Pois englobar as diferentes realidades dos jovens, diversificar os métodos das aulas nos planejamentos me parecem ser possíveis de realizar, pelo menos enquanto professor, mas a evasão escolar e os porquês que estão afastando os estudantes da sala de aula me parecem ser situações que externam os muros da escola, sendo assim, precisaríamos pensar questões de forma coletiva, com outros profissionais e outras instituições, para recuperar as frequências perdidas com a evasão e a falta de políticas públicas que qualifiquem o ensino.

Juarez Dyrell chama atenção para a relação da escola com a juventude, propondo uma democratização do ensino público para conhecer os educandos inseridos no ambiente escolar, fazendo com que este mesmo ambiente torne-se um espaço sociocultural, e propõe que pensemos quem são estes jovens, o que eles buscam e o que significa para eles o que constroem neste espaço.

Outro pensador que vem de encontro a essa concepção é Carrano, que retrata que os jovens devem ter espaços próprios de socialização que se transformem em territórios culturalmente expressivos, os reconhecendo e dialogando.

Em suas palavras, diz:

Através da elaboração de linguagens em comum, a escola pode recuperar seu prestígio entre os jovens, bem como o prazer deles estarem em um lugar que podem chamar de seu na medida em que são reconhecidos como sujeitos produtores de cultura. (p. 54, texto A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar).

Para a utilização das aulas, com um planejamento voltado aos estudantes e mesmo com remodelamento da instituição escolar, como espaço que atente para as necessidades das juventudes, é preciso ter as mesmas dentro desse espaço, é preciso pensar meios, políticas públicas para os estudantes, atendendo às suas mais diversas demandas, e reverter o processo que Dyrell chamará de fracasso da escola, no qual:

A falta de acesso dos alunos a um corpo de conhecimento significativo, com coerência interna, que possibilite um diálogo com sua realidade aliada a uma postura pedagógica estreita, pode ser uma das causas centrais do fracasso da escola, principalmente daquela dirigida às camadas populares. (p. 157, texto A escola como espaço sociocultural).

Para opor-se ao fracasso da escola, é preciso fazer um jogo de inclusão, no qual o estudante estará envolvido no processo de planejamento, com voz e vez dentro do ambiente escolar, e fomentar essas ações deve ser um dever também dos espaços de formação, como as universidades. Carrano aponta alguns meios pelos quais poderá haver esse desenvolvimento.

Torna-se necessário, então, levar em conta diferentes formas de oferecer aos jovens as possibilidades de compartilhar contextos que dialoguem com sua perspectiva e interesse. A instituição escolar e seus professores podem abrir campos ao entendimento adotando a investigação e a escuta como ferramenta para a compreensão das identidades e comportamentos de seus jovens alunos e de suas jovens alunas que são simultaneamente criadores e criaturas da diversidade de culturas dos grupos juvenis presentes na sociedade urbana. As culturas juvenis que se apresentam em constante ebulição nos diferentes espaços escolares podem oferecer referenciais empíricos para o entendimento da juventude enquanto categoria analítica. (p. 54, texto A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar).

Contudo, essas ainda são questões internas no ambiente escolar e é preciso dar atenção para os motivos que estão tirando os jovens desse ambiente.

Existe um processo de sucateamento da educação pública no País. Neste ano de 2015, essa situação fica clara, uma grande greve nas universidades federais, paralizações dos professores no estado do Rio Grande do Sul por parcelamento de salário, confronto no estado do Paraná entre professores e policiais militares e, no fim do ano, escolas estaduais ocupadas por estudantes secundaristas no estado de São Paulo, devido ao fechamento das escolas. Podemos pensar que modelos de educação estão em jogo, o que se pretende fazer quando não se investe em estrutura e salários na área do ensino e qual a qualidade de ensino vamos ter quando se fecham escolas. Podemos até pensar se privatizar a educação pública é uma boa alternativa, acredito que uma simples pergunta possa responder essa questão: Uma educação paga tem qualidade para quem? Ela vai incluir o estudante que não está frequentando a escola, pois precisa trabalhar e complementar a renda da família?

Se, de fato, acreditarmos que o modelo de ensino privado é que irá incluir e oferecer acesso, permanência e qualidade, devemos parar de pensar políticas em espaços formadores como universidades públicas e oferecer o local para empresas que terão essa competência, mas, se concluirmos que o modelo de ensino privado tem qualidade, porém exclui parcelas da população, pelo fato de ser uma mercadoria, longe do alcance dos que não podem pagar, temos que nos agarrar aos meios que temos de manter os setores do ensino público cada vez mais acesos e abrangentes.

Apontamos questões, até aqui, que nos levam a caminhos nos quais passamos pela falta de qualidade e estrutura no ensino até a falta de frequência dos estudantes. Mas se as salas de aula estão ficando vazias, porque os estudantes estão deixando de frequentar a escola, a sociedade está recebendo um cidadão que não completou sua formação, evidentemente, e o mercado de trabalho está recebendo mão-de-obra pouco qualificada. Porém, como aponta a antropóloga Regina Novaes, há um novo casamento entre educação e trabalho, no qual:

(...) enquanto a grande maioria deles encurta a infância e, ao começar a trabalhar, antecipa a idade adulta. Podemos dizer que o trabalho nesta faixa etária também pode estar relacionado com a busca de emancipação financeira, mesmo parcial, que possibilite

acesso a variados tipos de consumo e de lazer. Mas, para a grande maioria dos jovens brasileiros, trabalhar cedo é uma questão de sobrevivência pessoal e familiar (...)

Os locais de emprego dessa juventude são os setores terceirizados, de baixos salários, grande carga horária de trabalho e uma rotina diária que leva à exaustão e ao estresse, com isso, a jornada de trabalho em um turno dificulta a jornada de estudo no outro. A escola precisa se adequar a isso, mas a sociedade e principalmente os governos precisam encontrar meios, através de políticas públicas de assistência estudantil, que incentivem o jovem a permanecer no ambiente escolar. Essas ações de assistência precisam ir muito além do que bolsas que oferecem apenas 400 reais mensais ao estudante, bolsas que muitas vezes não oportunizam sequer o aprendizado, apenas substituem um servidor público por um estudante bolsista. Como nos casos em que a vaga de bolsista é para ser porteiro de algum prédio, não desmerecendo o serviço, mas as bolsas acadêmicas deveriam estar relacionadas à área de estudo do bolsista, além de serem mais bem remuneradas. Se há o interesse do mercado de trabalho em absorver mão-de-obra barata para os setores acima mencionados, como grandes redes de *fast food*, grandes redes de supermercados e telemarketing, tem que haver o interesse da escola em mostrar que os empregos devem e podem ter melhores salários e condições de trabalho, oferecendo ao mercado de trabalho não somente mão-de-obra com mais qualificação, mas também com plena consciência de seus direitos e deveres.

Existe uma grande responsabilidade nessa juventude, que muitas vezes é qualificada, ou melhor, desqualificada, como se não fosse capaz e só irresponsabilidades construíssem o seu universo. Mas estamos falando de jovens que estudam, trabalham, contribuem com a renda de suas famílias. Não cabe, aqui, querer pensar maneiras de criarmos barreiras entre os estudantes e seus empregos, porque as barreiras já estão criadas. Precisamos pensar maneiras pelas quais os estudantes possam fazer a manutenção dos seus estudos e também pensar formas de qualificar os setores que usam essa mão-de-obra jovem, para fazer com que as jornadas de trabalho e as empresas também se adequem à realidade de quem precisa trabalhar e estudar. Porque é muito fácil uma empresa dizer que incentiva os estudos e nas suas jornadas de trabalho, colocam banco de horas, fazendo o trabalhador cumprir horas extras sem nem ao menos receber por isso, ou fazer

como empresas de ônibus do transporte coletivo de Porto Alegre, que colocam três horas de intervalo, sem pagar por esse tempo aos seus funcionários, fazendo com que fiquem até 12 horas à disposição da empresa e recebam somente por 9 horas.

2.2 O PROJETO PLAY LIST

Durante a observação, no Estágio 1, havia uma atividade no livro *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* que, com o uso do texto *A imaginação Sociológica*, de Charles Wright Mills, provocava os estudantes a pensar sobre a música “Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones”, fazendo relações entre os textos. Embora eu goste muito dessa canção, não é uma música da geração que está no Ensino Médio e existem canções maravilhosas e atuais para trabalhar os mais variados temas. Então, me baseando nessa atividade do livro, criei o projeto Play List e encaixei a atividade nas aulas sobre cultura erudita e cultura popular. Após trabalhar esses conceitos, usei uma música chamada *Latinoamerica*, do grupo Calle 13, mostrando como os trechos da música se relacionavam com assuntos culturais, sociais, políticos, etc. A música foi escolhida por uma questão, ela aborda uma variedade muito rica de temas que correm por sistema político, questões geográficas e socioculturais da América Latina, ditadura militar no cone sul, entre outros. Essa atividade ajuda a mostrar como a cultura é um espaço amplo e expressões artísticas tidas como de menor valor em relação a outras são também fontes culturais riquíssimas.

Depois de apresentar a música e o vídeo clipe para a turma, apontando todos os assuntos possíveis dentro da canção, que eram bem ricos e diversos, sugeri outras três músicas, só que dessa vez o trabalho de buscar o contexto ou os contextos presentes nas obras era deles. As três músicas eram *Boa Esperança*, do Emicida, *Esquiva da esgrima*, do Criolo e *Peleia*, do Ultramen. Com essas três melodias, foi possível conversar sobre preconceito, racismo, machismo, violência, cultura, tolerância, escravidão, etc. Foi uma experiência muito rica e satisfatória para mim, enquanto futuro docente, pois os estudantes saíram da sala de aula falando sobre a aula, elogiando a aula, interessados. Entregaram trabalhos fantásticos, um dos estudantes pediu para fazer sobre mais músicas. Mas o lado negativo da

atividade é que poucos estudantes se faziam presentes, alguns não entregaram a atividade e outros conversaram comigo sobre a tarefa nas aulas, ou até mesmo pelos corredores, porém não entregaram. Ainda assim, considero um passo importante, pois ainda no estágio, consegui uma experiência positiva no que acredito ser fundamental para os planejamentos, que é o fato de aproximar a realidade, o interesse dos estudantes ao que será trabalhado no ambiente escolar. As duas aulas foram de grande participação, os alunos não só buscaram o debate e me fizeram questionamentos como vários deles participaram, até os que costumam ficar mais quietos.

A relação estabelecida com os alunos foi muito boa, não tive atrito com nenhum deles e acredito que obtive uma relação muito saudável com a maior parte da turma. Alguns que não frequentavam muito a aula eu tive menos tempo para conhecer, aliás, os 40 minutos de cada período, aliados à infrequência dos alunos, me fizeram não ter a relação que eu considerava ideal, que era a de conhecer a maioria deles.

A experiência da docência foi o maior choque cultural que eu tive na graduação. De todas as experiências, a que mais me impactou. Eu tinha vivas na memória minhas últimas aulas de cursinho pré-vestibular e as aulas das matérias que eu gostava no Ensino Médio, ou dos professores que eu mais admirava. Recorrendo à memória, na minha visão de estudante do Ensino Médio, não vinham questões como a falta de interesse pela aula, do não entendimento das matérias, da falta de vontade de estar na escola, do descontentamento em estar em sala de aula, sem entender uma questão do que estava acontecendo na aula. Eu só tinha em mente as aulas teatrais dos tempos de cursinho e como as realidades são diferentes, o que tinha na cabeça, não foi o que aconteceu nos primeiros dias de aula. Por mais esforço que eu fizesse para ser simpático, mesmo escrevendo coisas no quadro, fato que não agradava muito à turma, é frustrante dar aula e ver estudantes de fone de ouvido. Não me afeta muito que mexam nos celulares, mas o ato de usar o fone de ouvido mostra que a aula não existe para ele.

A alta infrequência nas aulas é um fator que dificulta o processo, muitas vezes os estudantes chegam para a aula completamente perdidos no assunto, na outra aula mudam os alunos, a turma, mas as situações de infrequência e rotatividade dos alunos se repete. Eu fechei meu período de observações e práticas sem ter o contato com as turmas que eu gostaria de ter. Porém, me agrada que, mesmo não

tendo muita experiência, eu tenha conseguido ser um professor que estabeleceu um bom diálogo com os estudantes; ainda que não seja o que eu considero ideal, não tive nenhum problema com nenhum dos estudantes, mesmo os considerados "problemáticos" pelos outros professores. Sempre teve nas aulas um clima mais tranquilo e até alegre. E com certeza consegui estabelecer uma relação de respeito e confiança com as turmas, que era uma meta minha, durante esse período.

Eu esperava mais participação e envolvimento dos estudantes, mas também tenho que considerar que a maioria deles trabalha. No turno da noite, que é o das aulas, já estão cansados e como muitas vezes não sentem o porquê de estarem na escola, não se envolvem muito. Percebi na prática que quando conseguia fazer a ligação do debate do tema com alguma questão atual, tinha mais atenção dos estudantes e mais envolvimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes jovens, mesmo no Ensino Médio e muitos já trabalhando, ainda são considerados infantis, crianças com pouca responsabilidade e, por serem taxados assim, muitos não se enxergam com as responsabilidades que já possuem. Passar os dias fora de casa trabalhando em um turno e estudando no outro são fatores que vão definir a vida deles e é preciso fazer com que esses fatores sejam de resultado para as pessoas e não somente para os locais em qual trabalhamos ou estudamos. Acredito que as instituições públicas devam se esforçar mais na elaboração de políticas públicas que contemplem a realidade dos estudantes, a escola não pode ser um espaço que estabeleça com a juventude uma relação negativa, passando para eles o sentimento de que não era necessário estar ali, é preciso fazer o investimento de maneira séria.

Não é só a escola que precisa estabelecer uma melhor relação com a juventude. Nós vivemos em uma sociedade que passa por uma crise política, econômica e que nos últimos tempos tem tratado temas importantes que se relacionam com as juventudes. E a maneira como esses temas estão sendo abordados é um grande problema. Setores conservadores do poder público, sem nenhum debate científico, com argumentos que nunca deveriam ter saído da Idade Média, aliás, não deveriam nem ter chegado lá, têm a responsabilidade em espaços representativos da nossa política, como o parlamento, de pensar políticas relacionadas à juventude, como o aborto, que é um tema presente entre as mulheres e os jovens, sim, e que deveria estar sendo tratado como uma questão séria da área da saúde, mas não está. O que ocorre é um debate moralista, enquanto o aborto acontece de maneira ilegal, matando mulheres e crianças. Outra questão vital que ganhou destaque nas mídias neste ano e também está sendo tratado sem o menor critério científico, sem ouvir profissionais da área, é a redução da maioria penal. Um projeto que não vai resolver em nada os números da violência do País e, ao invés de estarmos debatendo melhorias no funcionamento das instituições que acolhem os menores infratores, vamos tirar jovens de uma instituição como a FASE, Fundação de Atendimento Socioeducativo, e jogá-los em instituições como o Presídio Central, um dos piores presídios da América Latina, que a exemplo das demais cadeias, está superlotado, não cumpre sua função social e tem números

muito, mas muito piores do que os da FASE. Então, na prática, políticos que deveriam fomentar um melhor funcionamento da sociedade estão tentando tapar o sol com a peneira e, ao invés de investirem na área da segurança, criaram esse projeto, que visa reduzir a maioria penal, e vão tirar menores infratores de uma instituição que tem melhores ações e resultados para colocá-los em uma instituição que não tem absolutamente nada para contribuir positivamente com o combate à violência e com a educação dos jovens.

Na relação com os profissionais da área do ensino, professores, secretários de escola, assistentes e auxiliares, o sistema público de ensino, principalmente os setores vinculados aos estados da federação, precisam deixar de ser taxados como ambientes que investem pouco na educação, que não oferecem infraestrutura e pagam baixíssimos salários. Um professor no Estado do Rio Grande do Sul não pode continuar recebendo menos do que o Piso Nacional do Magistério. Por um cargo de nível superior, o Estado paga menos que por muitos cargos de nível médio. Cursinhos pré-vestibulares pagam muito mais aos professores do que muitos governadores. Não temos como pensar em formação continuada, para os professores do Estado, por exemplo, se os professores tiverem que ir trabalhar em outras instituições, devido aos baixíssimos salários que recebem, entra governo e sai governo. É fundamental que se valorize o professor imediatamente, é fundamental que se cumpra, no mínimo, a lei do piso.

Esse é um dos pontos de partida, um Estado que vem de um governo que não pagou o piso dos professores, para entrar em uma outra administração que não só fez a manutenção do calote, como resolveu parcelar os salários do funcionalismo. Os setores da administração pública, como secretarias de Educação, deveriam ter profissionais concursados e não cargos comissionados, a fim de manter um trabalho continuado, mesmo com as possíveis trocas de governo a cada eleição. A Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, que conta com o fator político de jamais ter reelegido um governo após a reabertura democrática, é um exemplo disso; a cada troca de comando, mudam todos os funcionários, não só nessa secretaria, mas em muitas outras. Há relatos que, nessas trocas, muitas vezes a equipe anterior sai e a nova não consegue nem usar os computadores, tem que, praticamente, começar um trabalho do zero.

As instituições também precisam formar parcerias, realizar trabalhos interdisciplinares, por assim dizer. Não é possível que estudantes dos anos finais do

Ensino Fundamental e Ensino Médio abandonem as aulas porque precisam trabalhar. É preciso estudar maneiras sérias de coibir esses acontecimentos. Buscar políticas, maneiras de fiscalizar os locais de trabalho nos quais está inserido o público jovem, a fim de afirmar que este tenha condições de, mesmo trabalhando, manter os estudos, porque é importante - se o jovem perder esse emprego porque uma lei foi mal feita, ele ainda vai ter dificuldades de estudar, porque para tal, por incrível que possa parecer, ainda é preciso comer, pagar passagem do transporte público, ter roupas para vestir. Isso pode soar um tanto irônico, mas não tanto quando alguns salários pagos para juventude, inclusive algumas bolsas acadêmicas, são de apenas 400 reais e por vezes ainda atrasam meses.

Por fim, é preciso ter certeza de que os setores da sociedade não vivem isolados. Não podemos eleger simples prioridades e pensar que o todo funcionará corretamente. O sistema de saúde não vai funcionar com o sistema de segurança falido, o sistema de segurança não vai cumprir sua função com o sistema de educação deficitário. O sistema de ensino público e de qualidade, assim como os demais serviços públicos, contemplarão a todos, quando a sociedade for de todos.

A crise política na qual o País se encontra, no presente momento, nos remete a pensar com quem está boa parte do dinheiro público, que poderia estar sanando as deficiências que aqui acompanhamos, como também fomentar possíveis apontamentos de melhorias. Enquanto rios de dinheiro público correm para o bolso de alguns seletos nomes da nossa política e também grandes empresários. O acesso a bons serviços de saúde e educação não estão ao alcance da maior parte da população. É preciso passar horas em filas de postos de saúde para conseguir atendimento, é preciso passar por seleções, como vestibular, que vão possibilitar para alguns ter o direito ao estudo e a outros não. É preciso até fazer longas viagens para ter aula, porque muitas comunidades não têm escola por perto. Assim como jovens terão de trabalhar oito horas ou mais e no turno inverso estudar, porque não existem políticas sérias de assistência estudantil. Pensar e planejar uma escola pública que funcione, possibilitando acesso, permanência e qualidade no ensino, é pensar e planejar um outro modelo de política, um outro modelo de sociedade. É pensar e planejar um outro modelo de futuro, que garanta educação em todos os níveis de ensino, da creche à universidade. Como diria Gonzaguinha, “é construir a manhã desejada”, e essa manhã tem que nascer para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRANO, Paulo C. R. & MARTINS, Carlos H. S. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. Revista Educação (UFSM), v. 36, n. 1, jan/abr. 2011. 14 p.

DAYRELL, Juarez A. Escola como espaço sócio-cultural. In: _____ (org.) Múltiplos Olhares Sobre Educação e Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez A. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação & Sociedade, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

Novaes, Regina. Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. Revista Sociologia Especial - Ciência e Vida (Ano I, N. 2)

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Sinopse Estatística da Educação Básica, 2007. Acesso em 14 set. 2009. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República.